



XX ENANCIB

21 a 25 Outubro/2019 – Florianópolis

A Ciência da Informação e a era da Ciência de Dados

ISSN 2177-3688

GT2 – Organização e Representação do Conhecimento

**A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO E A FILOSOFIA DO PLURALISMO RELIGIOSO NO
CONTEXTO DAS RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS**

***THE KNOWLEDGE ORGANIZATION AND THE PHILOSOPHY OF RELIGIOUS PLURALISM IN THE
MATRICES AFRICANS RELIGIOUS CONTEXT***

Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Modalidade: Trabalho Completo

RESUMO: Discute alguns conflitos, desafios e perspectivas na organização do conhecimento de religiões de matrizes africanas com base na filosofia e na epistemologia africanas, na filosofia do pluralismo religioso, nos estudos da garantia semântica e na epistemografia interativa. Trata de pesquisa exploratória e descritiva, com base em levantamento e análise bibliográficos no *African Journal Online* (AJOL) compreendendo o período de 1980-2017. Descreve a filosofia e a epistemologia africanas e a filosofia do pluralismo religioso. Apresenta a garantia semântica: Literária, Filosófica/Científica, Pedagógica, Cultural, a epistemografia interativa, caracterizando o universo do conhecimento religioso. Analisa os dados coletados por meio da Hermenêutica/ Interpretação e propõe o uso da Análise de Facetas conforme estabelecido em estudo de Broughton. Conclui que a partir de um sistema de conceitos poderíamos melhorar a representação do conhecimento em religiões de matrizes africanas em unidades de informação por meio da elaboração de um SOC que atenda de maneira mais efetiva a representação desse conhecimento de forma colaborativa e participativa, respeitando o pluralismo religioso que considere a natureza, a produção e o universo do conhecimento e sua dinâmica.

Palavras-chave: Organização do Conhecimento; Representação do Conhecimento; Sistemas de Organização do Conhecimento; Filosofia do Pluralismo Religioso; Religiões de Matrizes Africanas; Ancestralidade.

ABSTRACT: This work it discusses some conflicts, challenges and perspectives in the knowledge organization of African matrices religions based on African philosophy and epistemology, philosophy of religious pluralism, semantic warrant studies and interactive epistemography. It deals with exploratory and descriptive research, based on bibliographic survey and analysis in the African Journal Online (AJOL) covering the period 1980-2017. It describes African philosophy and epistemology and the philosophy of religious pluralism. Presents the semantic warrant: Literary, Philosophical/Scientific, Pedagogical, Cultural, interactive epistemography, characterizing the universe of religious knowledge. It analyzes data collected through Hermeneutics / Interpretation and proposes the use of Facet Analysis as established by Broughton's study. It concludes that from a system of concepts we could improve the knowledge representation in religions of African matrices in information units through the construction of a KOS that more effectively meets the representation of this knowledge in a collaborative and participatory manner, respecting pluralism. religion that considers the nature, production and universe of knowledge and its dynamics.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

Keywords: Knowledge Organization; Knowledge Representation; African Matrices Religions; Knowledge Organization Systems; Philosophy of Religious Pluralism.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa no âmbito da organização do conhecimento tem privilegiados estudos e pesquisas acerca de temáticas que envolvem questões sócio-políticas, éticas, culturais e tecnológicas no que se refere à representação, armazenamento e disseminação do conhecimento produzido, de maneira a tornar patente as práticas de informação que são, práticas sociais por excelência, envolvendo atores que desempenham distintos papéis no ciclo de apreensão, produção e uso do conhecimento para atender e satisfazer as mais diversas necessidades de informação para dar conta das suas atividades pessoais e profissionais na sociedade contemporânea.

Para Dahlberg (2006) a Organização do Conhecimento, a partir de sua fundamentação teórico-científica, é uma nova disciplina científica baseada no conceito proposicional de ciência. Dentro do sistema universal de ciências a KO tem sido considerada um subcampo da Ciência das Ciências.

A Organização do Conhecimento (KO) é uma disciplina dedicada a investigação dos fundamentos científicos e o desenvolvimento das técnicas de planejamento, construção, uso, gestão e avaliação das habilidades e ferramentas empregadas nos sistemas de informação para tratamento, armazenamento e recuperação de documentos criados pela humanidade para testemunhar seus atos e conservar e transmitir seus conhecimentos com a finalidade de garantir sua conversão em informação capaz de gerar novo conhecimento (Miranda, 1999).

Nas atividades de organização do conhecimento enfrentamos dificuldades na representação do conhecimento em diversas culturas, na organização de bibliografias específicas por assunto, na definição de conceitos e no estabelecimento de suas relações e na organização de documentos e de suas representações em bases de dados.

A questão sobre a origem, natureza e essência da religião continua sendo uma das questões teológicas fundamentais, especialmente no contexto do nosso tempo. De fato, muitos teólogos modernos afirmariam que a religião como fenômeno fornece à teologia um desafio teórico importante. Uma teoria teológica da religião é essencial para a compreensão das instituições religiosas sobre si mesmas. É também de importância fundamental para a teologia das religiões, bem como para o resto da teologia

Nosso objetivo neste artigo é discutir alguns conflitos, desafios e perspectivas na

**XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC**

organização do conhecimento de religiões de matrizes africanas com base na filosofia e epistemologia africanas, na filosofia do pluralismo religioso, nos estudos da garantia semântica e na epistemografia interativa.

Para alcançar nosso objetivo realizamos pesquisa exploratória, pesquisa descritiva, levantamento e análise da bibliografia no *African Journal Online* (AJOL) – 1980-2017, de maneira a descrever a filosofia e a epistemologia africanas e a filosofia do pluralismo religioso. Apresentamos a garantia semântica: Literária, Filosófica/Científica, Pedagógica, Cultural, a epistemografia interativa, caracterizamos o Universo do Conhecimento. Analisamos os dados coletados por meio da Hermenêutica/ Interpretação e propusemos o uso da Análise de Facetas conforme estabelecido em estudo de Broughton (2006).

Neste artigo, apresentamos alguns conflitos, desafios e perspectivas na representação do conhecimento de religiões de matrizes africanas em sistemas de organização do conhecimento bibliográficos com base na filosofia e epistemologia africanas, na filosofia do pluralismo religioso, nos estudos da garantia semântica e na epistemografia interativa.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Hjorland considera a OC em sentido restrito, como a organização da informação em registros bibliográficos (HJORLAND, 2014, p. 174). Em sentido amplo é retratada como a “organização social do trabalho mental, ou seja, de como o conhecimento é socialmente organizado e como a realidade é socialmente organizada” (HJORLAND, 2003, p.169). Neste ponto, a OC, enquanto campo associado a classificação e indexação de documentos, sofre profundas influências de teorias e paradigmas fundamentais a qual o documento está associado. Mas é também, em si, um campo influenciado por diferentes paradigmas relacionados às teorias do conhecimento (HJORLAND, 2013, p.174).

Neste sentido, reconhecemos dois tipos/formas de organização do conhecimento: A organização intelectual do Conhecimento em conceitos, sistemas conceituais e teorias; e A organização social do conhecimento, em profissões, negócios e disciplinas. Neste sentido, disciplinas são representações do conhecimento utilizadas em sistemas sociais de organização do conhecimento. Em ambos os casos a Organização do Conhecimento é profundamente atrelada a uma teoria do conhecimento. Desta forma, a leitura de mundo do

**XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC**

classificacionista é relacionada ou derivada de uma teoria, na qual tende a ser compartilhada publicamente por paradigmas. Por conseguinte, tal condição denota a necessidade do conhecimento de assunto por parte do classificador na atividade de indexação. Em outras palavras, o classificador deve desenvolver a habilidade crítica para lidar diferentes teorias e seu impacto ideológico nas classificações (HJORLAND, 2013, p.171).

Por outro lado, compreende-se que a atividade do indexador/classificador não é cercada de neutralidade, uma vez que o contexto social, histórico e cultural influencia as condições da produção do conhecimento. “Com efeito, admite-se a impossibilidade de neutralidade nas atividades de representação do conhecimento, dado que o profissional classificador/indexador não se descola das suas concepções, suas visões de mundo e tampouco é capaz de simular o “desligamento” nem sequer momentâneo da sua consciência” (ARBOIT, 2017, p. 162). Deste modo, a análise documental, atividade de reconhecida interferência por parte do classificador, é influenciada diretamente pela leitura que o profissional detém da obra, o que orienta as atividades de classificação e indexação a certa concepção de mundo.

Considerando a falta da neutralidade, oriunda das influências do contexto sociocultural, observa-se a possibilidade de sérios desvios de representação evidenciados nos produtos (resumos e índices) e instrumentos da OC. (Sistemas de Organização do Conhecimento). Neste sentido, sistemas de organização do conhecimento são constituídos a partir de uma literatura relacionada a domínios de conhecimento. Neste caso, o classifista justifica decisões sobre seleção terminológica e estrutura conceitual nestes sistemas a partir de critérios estabelecidos por forma de garantias.

A função da garantia em um sistema de organização do conhecimento relaciona-se a autoridade que o classificacionista evoca para verificar se as decisões sobre que classes/conceitos para incluir no sistema, em que ordem as classes/conceitos deve aparecer nas listas, sobre a ordem em que as classes/conceitos devem aparecer no sistema, quais classes de unidade/conceitos são divididos, quão longe a subdivisão deve proceder, quando e onde síntese está disponível, e se as ordens de citação são perguntas estáticas ou variáveis e similares (BEGHTOL, 1986, p. 111).

O termo garantia, enquanto aporte para tomada de decisão para a construção de sistema de organização do documento, foi utilizada pela primeira vez por Hulme, em 1901, ao apresentar os princípios de garantia literária. Sua concepção original se parte da ideia de que a “a literatura de um domínio deve ser a fonte para extração e validação da

**XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC**

terminologia a ser incorporada em um sistema de classificação, ou em qualquer outro sistema de organização do conhecimento” (BARITÉ, 2010, p.124). Neste sentido, a construção do SOC, bem como suas atualizações, partem da composição do escopo documental do domínio. Em outras palavras, o Princípio da Garantia Literária, sugere que a seleção dos termos de sistema de organização do conhecimento deve ser baseada na realidade, ou seja, no conhecimento registrado de certa área de conhecimento. Neste caso, o conjunto das publicações forneceria a terminologia de determinado domínio do conhecimento.

A lo largo del tiempo, se han propuesto otras alternativas, derivaciones o complementos de la garantía literaria: la garantía de usuario (Lancaster, 1977), la garantía académica, basada en el consenso de los especialistas (Bliss, 1939), la garantía organizacional (National Information Standards Organization, 2005), la garantía cultural (Lee, 1976), la garantía estructural (Kent et al., 1975; Mitchell, 2007), la garantía lógica (Fraser, 1978), la garantía fenomenológica (Ward, 2000), e incluso la garantía de género (Olson y Ward, 1998; Olson, 2003, 2007), entre otras que se mencionan ocasionalmente en la literatura (BARITÉ, 2011, p.4).

Uma das principais utilidades da garantia literária está no processo de validação na construção e atualizações de Esquemas de Classificação Bibliográfica tradicionais como a Classificação Decimal de Dewey e a Classificação Decimal Universal. Para Barité (2011) As aplicações possíveis da garantia literária são: Teste de justificação em esquemas de classificação bibliográfica; Respaldo para trabalho terminológico em conjunto; Teste de validação e justificação de terminologia pontual; Extensão de teste de justificação relativa às relações conceituais; Análise ou mapeamento de domínios; e como dispositivo de avaliação de linguagens e estruturas conceituais.

Obviamente, a garantia literária sozinha não dá conta do conhecimento não registrado, oriundo de comunidades que compartilham os conhecimentos a partir da oralidade. A justificação para seleção terminológica deste tipo de conhecimento estaria sob a forma de uma garantia cultural. Beghtol (2002 apud BARITÉ, 2011), posiciona a garantia cultural em cada sistema de classificação baseada em assuntos e preocupações de certa cultura, qualquer cultura de determinado país, ou de uma maior ou menor unidade social. (BEGHTOL, 2002). Neste sentido, cultura se refere a um conjunto de valores, crenças e conhecimentos próprios de um grupo social, em sua escala local, a distinção de uma cultura em respeito a outras e uma visão homogênea de pessoas e ideias, e as unidades sociais

**XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC**

referidas a grupos étnicos, disciplinas acadêmicas, domínios da arte, facções políticas, religiões e/ou linguagens. (BARITÉ, 2011). Desta forma, A garantia cultural abarca tanto a literatura específica de um recorte social, quanto as tradições locais de determinada cultura.

Um ponto sensível do conceito de garantia cultural se refere a questão do princípio de hospitalidade presente em sistemas de organização universais, uma vez que Mesmo as constantes transformações do conhecimento conferem a literatura mudanças advindas das transformações socioculturais.

Neste sentido, o contexto, ao influenciar diretamente a produção do conhecimento, valida novas teorias e substitui antigos paradigmas. Por outro lado, a dinâmica do conhecimento também envolve a resistência ao novo, onde o antigo paradigma, ou modelo, apoia-se em uma estrutura própria, muitas vezes classificando novos conhecimentos como periféricos, não ciência, conhecimento inválido, popular ou inferior. Como exemplo, observa-se a dificuldade na classificação de religiões de matriz africana onde, apesar da riqueza cultural envolvida em suas práticas, ritos e lendas, não dispunha de notação específica nos esquemas de classificação bibliográfica.

Garcia Gutierrez (2012) nos apresenta a análise do conhecimento, e de sua organização, a partir da Epistemografia interativa, opondo-a à Epistemologia. Considera que a Epistemologia está tradicionalmente vinculada ao conhecimento ordenado e elitista, ignorando, por conseguinte, grande parte do conhecimento socialmente produzido, confinando-o ao que denomina favelas do conhecimento.

Ao propor, em seu lugar, a Epistemografia interativa, destaca-se, em primeiro lugar, a necessidade de incorporar ao conhecimento e à sua organização as questões éticas, culturais e políticas. Nesse sentido, o objetivo da Epistemografia é estar presente nos ambientes de conhecimento propositalmente excluídos dos processos contemporâneos de inscrição e fluxo, de modo a possibilitar sua incorporação às redes digitais em que transitam os conhecimentos dominantes. Para isso, propõe a criação de ferramentas para desclassificar o conhecimento, tanto o que já está classificado, como o que está por ser classificado. Tal desclassificação supõe a reabilitação da contradição, como recurso pós-epistemológico, e a substituição da lógica dominante por uma lógica paraconsistente.

A Epistemografia intervêm, portanto, para acolher o conhecimento excluído, devolvendo-lhe a legitimidade negada pelos processos convencionais de reconhecimento e

**XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC**

ordenação. Por outro lado, para a organização do conhecimento também há de se considerar a garantia semântica que releva as garantias literária, filosófica/científica, pedagógica e cultural.

Na garantia literária, uma classe é garantida somente quando uma literatura em forma de livro existe, e o teste da validade de um cabeçalho é o grau de precisão com o qual ele descreve a área de assunto comum para a classe. Na garantia filosófica/científica, os esquemas de classificações bibliográficas devem ser organizados em consonância com o consenso científico e educacional. Na garantia pedagógica, a ordem pedagógica do conhecimento é paralela às ordens natural, lógica e de desenvolvimento, compreende o lógico, o científico, o histórico, o social, o ético, o religioso, o político, o econômico, o estético e o filológico. E na garantia cultural a base semântica ou categórica de um esquema de classificação é produto da cultura (BROUGHTON, 2006).

Lesk afirma que não existe um único SOC com o qual todos concordem, mas especula que um único seria vantajoso, porém seria improvável que tal sistema fosse desenvolvido. A questão cultural pode limitar um sistema de organização do conhecimento de forma que o que é significativo para uma cultura pode não ser necessariamente para outra (LESK, 1997). Então, habitamos um mundo de múltiplas visões, com várias maneiras para organizar o conhecimento. Até porque toda classificação, toda organização, pressupõe uma escolha, um corte epistemológico frente a seu objetivo específico. Apesar dessa diversidade, os SOC possuem as seguintes características comuns que são críticas em relação ao seu uso para organização do conhecimento em qualquer ambiente de informação: impõem uma visão particular de mundo sobre uma coleção e sobre os itens que a compõem; a mesma entidade pode ser caracterizada de modos diferentes, dependendo do SOC que é utilizado.

Beghtol (2002) introduz o princípio da garantia cultural que reside na ideia de um sistema de organização do conhecimento ser o mais apropriado possível e útil para os indivíduos de uma cultura apenas se ele for baseado nas suposições, valores e predisposições dessa mesma cultura. Inversamente, se um sistema não é baseado nessas suposições, ele será apropriado e útil a uma menor extensão de indivíduos na cultura. E apresenta como solução o uso deste princípio de maneira que as notações - utilizadas nos esquemas de classificação para representar e organizar o conhecimento - tenham a habilidade de “admitir novos conceitos apropriadamente e acomodá-los nas relações

corretas com outros conceitos” (BEGHTOL, 2002, p.35). O princípio da hospitalidade cultural, portanto, complementa o princípio da garantia cultural, o que nos remete ao conceito de hospitalidade estabelecido por Ranganathan (1967).

3 CULTURA, RELIGIÃO E IDENTIDADE

3.1 Cultura

Gertz (1989) busca compreender a importância e o papel da cultura na constituição do sujeito e na sua forma de tecer e ler as teias de significados nas quais está imerso.

Para Gertz (1989) a cultura é tão abrangente e mística que para uns pode ser representada como uma teia sem fim. Num significado mais global, a cultura amplia os horizontes e une os povos, à medida que os identifica num processo contínuo e crescente em meio a globalização. Nos termos de Geertz, a cultura é uma teia de significados tecida pelo homem. Essa teia orienta a existência humana. Trata-se de um sistema de símbolos que interage com os sistemas de símbolos de cada indivíduo numa interação recíproca. O autor, define símbolo como qualquer ato, objeto, acontecimento ou relação que representa um significado. Compreender o homem e a cultura é interpretar essa teia de significados (GERTZ, 1989, p. 48).

A cultura consiste no material e no imaterial. As culturas materiais são os aspectos tangíveis do modo de vida de um povo que podem ser vistos e tocados. Estes incluem sua tecnologia, ferramentas, construção e outros artefatos. A cultura imaterial, por outro lado, refere-se aos aspectos não tangíveis, como atitudes crenças, valores, linguagem, moral e costumes e assim por diante.

3.2 Religião

A religião elucidada o relacionamento entre Deus e o homem que é o criador e controlador do universo. É o “Reconhecimento pelo homem da existência de um poder ou poderes além de si mesmo, quem criou, sustenta, preserva e prevê o universo” (MADU, 2003, p.46).

Religião é a "fé e práticas envolvendo a relação entre a humanidade e o que é considerado sagrado" (UGWU, 2002, p.2), é "a soma total de verdades e deveres pelos quais

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

o relacionamento do homem com Deus é estabelecido"(Igwemmar, 1989, p. 127), a consciência do homem sobre a existência de um ser sobrenatural que é maior que o homem e a quem o homem expressa sua total dependência dele por meio da adoração, de rituais e de sacrifícios, como experimentado em vários grupos religiosos [...]” (IBEZIM, p. 91)

A teologia das religiões está preocupada com a reflexão teológica sobre o significado e valor de outras religiões (KÄRKKÄINEN, 2003, p. 20). É aqui que a teologia se concentra nas religiões que são vizinhas ou desafiam a mensagem e / ou a missão da igreja - com o objetivo de avaliar tais religiões e os desafios que elas colocam do ponto de vista cristão, e também alcançar um nível mais profundo de compreensão. A teologia das religiões também visa formular princípios e diretrizes sobre a coexistência prática, testemunhando e dialogando com membros de outras religiões.

3.3 Identidade

Segundo Igbo e Anugwom (2002, p. 123), a palavra étnica “refere-se a um grupo humano que tem características raciais, religiosas, linguísticas e outras em comum”. Portanto, poderia ser um grupo de pessoas de uma determinada localização geográfica que compartilham uma cultura e religião semelhantes.

A identidade, segundo Haralambos e Holborn (2008) pode ser interna e externa. A identidade interna lida com o que pensamos que a nossa própria identidade é enquanto a externa significa como os outros nos veem. Para os autores as identidades não estão apenas preocupadas com a nossa própria impressão de nós mesmos, mas também com nossas impressões sobre os outros e sobre impressões de nós. Portanto, identidade é o sentido que alguém tem sobre quem ele é, o que é e as impressões que as pessoas têm sobre os outros, alguém ou alguma coisa.

Assim, a identidade tem um significado individualista e coletivo. A identidade pode ser pessoal ou identidade coletiva.

Para Nmah (2008) a identidade étnica é “uma forma de identidade coletiva, que por sua vez apoia e fortalece a identidade pessoal ”(p.42). A identidade étnica é peculiar ao ser humano, aos grupos, nações, raça ou tribo. A identidade étnica não é efêmera e distingue um grupo do outro. Na identidade étnica, os membros compartilham a mesma cultura. Por isso, dá às pessoas um sentimento de pertença e pode basear-se na religião, língua, origem

nacional, entre outros.

A identidade étnica é uma forma de identidade coletiva, que por sua vez apoia e fortalece a identidade pessoal.

4 FILOSOFIA E EPISTEMOLOGIA AFRICANAS

4.1 Filosofia Africana

Filósofos de diferentes idades, épocas e orientações ideológicas se engajaram em um debate acalorado sobre a questão da interação mente-corpo. De fato, existem duas entidades diferentes, mas interativas, no homem, com diferentes modos de ação, mas interagindo de forma mais sutil, a ponto de produzir algo mais capaz de produzir efeitos em seu corpo e vice-versa (UKWAMEDUA, 2011).

O problema do corpo da mente é toda sobre a natureza e extensão da interação dessas duas entidades. Quando uma pessoa experimenta um evento mental, existe alguma relação entre o evento mental e o corpo da pessoa? Os filósofos ocidentais geralmente situam esse problema na plataforma da substância, a preocupação central da metafísica, cujos argumentos especulativos e a concepção estática da realidade separaram a corrente da filosofia ocidental. Assim, muitos filósofos ocidentais abordaram a dualidade da experiência assumindo que o sujeito e o objeto são duas realidades separadas e independentes. Para eles, duas teorias foram defendidas pelo Ocidente: teorias monistas e teorias dualistas. O africano, por outro lado, concebe tudo o que é como "força", que é a força universal cósmica, e só o pensamento moderno, racionalizador, pode abstrair-se de suas manifestações. Essa visão dinâmica da realidade entre os africanos rejeita o quadro cartesiano, a fonte do notório problema mente-corpo, que continua a assombrar estudiosos da filosofia ocidental. Este artigo adota o método de análise e hermenêutica para investigar a concepção africana do problema vis-à-vis a concepção ocidental e a conclusão é que o dualismo é básico na explicação da composição da pessoa humana, mas não na dualidade do dualismo e na concepção da realidade como ser ou substância (Mbaegbu, 2016).

O movimento dinâmico de culto aos ancestrais é um dos princípios que caracterizam a cosmovisão africana. A ancestralidade, para os africanos, é o que certifica a sua permanência no mundo e a firmeza política e social do seu território. Ela é a categoria que possibilita ao homem e a mulher africanos a sua continuidade na terra, porque a retirada da

**XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC**

vida de maneira inesperada o angustia e, com isso, os ancestrais são levados à categoria de sábios da comunidade.

O princípio da ancestralidade, para os africanos em geral, possui um valor determinante porque o ancião e/ou a anciã ao deixar a terra e ir para o mundo invisível deixa um legado espiritual e um desenvolvimento para o grupo. Desse modo, o ancestral que deixou uma contribuição significativa para a comunidade é lembrado, festejado e respeitado dentro das culturas de matrizes africanas.

De acordo com Eduardo Oliveira (2007, p.101) a história dos ancestrais africanos permanece inscrita nos corpos dos afrodescendentes. É preciso ler o texto do corpo para vislumbrar nele a cosmovisão que dá sentido à história dos africanos e afrodescendentes espalhados no planeta”.

A diversidade é evidente no solo africano, pois nele se percebe várias matrizes culturais. Isto é evidente nas suas várias etnias, e conseqüentemente, nas suas culturas. Por esta diversidade, a filosofia africana valoriza as diferenças, pois não concebe a dessemelhança como sinônimo de desigualdade, mas como riquezas de experiências.

As crenças afro-brasileiras caracterizam-se pelas interpolações culturais específicas das regiões onde se instalam. O modo como cada indivíduo percebe e experimenta a religião é, segundo Geertz, tanto uma força particularizante quando generalizante, pois ela surge de sua capacidade de envolver um conjunto cada vez mais amplo de concepções de vida e, ao mesmo tempo, de sua aptidão em reelaborá-las. Nossa realidade revela o quanto tropeçamos em situações de intolerâncias, desrespeitos e violências motivadas pelas identidades religiosas. As produções acadêmicas voltadas ao campo religioso evidenciam a necessidade de aprofundarmos o conhecimento dos discursos e personagens dos fenômenos religiosos afro-brasileiros, valorizando-os e estabelecendo diálogos transversais em prol da construção de uma cultura de respeito às diferenças.

A ancestralidade é fator preponderante na concepção de identidade que o sujeito constrói ao longo do tempo de sua existência sobre si mesmo e os seus afins e aprende a afirmá-la e afirmar-se frente a sua alteridade.

4.2 Epistemologia Africana

O valor é frequentemente considerado como um termo elusivo, com conotações relativas e referenciais. Todo valor é um valor de alguém, de um indivíduo ou de um grupo. Ele pode ser um valor de uma sociedade em seu conjunto, ou de uma determinada cultura ou um valor de uma cultura maior.

Nesta perspectiva podemos falar de valores Africanos como aqueles que pertencem a todo os africanos como um todo. Isto se torna especial quando falamos de valores africanos em relação aos valores americanos ou japoneses. Os valores africanos poderiam igualmente significar valores pertencentes a um segmento da África, como os ioruba. Neste artigo nosso esforço se direciona para interpretar dinâmicas filosoficamente diferentes dos valores africanos, mas mais importante, dos valores culturais ioruba. Valores africanos podem significar valores tradicionais africanos ou valores modernos africanos ou seus valores contemporâneos. Todas essas dinâmicas envolvem a questão da interpretação. Precisamos analisar o impacto da relatividade dos valores africanos, bem como a natureza referencial de seus valores. De acordo com o método filosófico de interpretação de valores africanos, verificamos a definição do significado dos valores, bem como da filosofia africana. (EKEI,

Houve um extenso debate na epistemologia contemporânea sobre se as razões para as justificativas das crenças são internas ou externas (Sosa 1991; Kihyeon 1993; Marvan 2006). Enquanto internistas sustentam que o que confere justificação deve estar "dentro" do assunto, na medida em que ele ou ela deve ter um acesso cognitivo direto a ela, os externalistas postulam que fatores fora do agente a mente pode afetar o status justificatório de uma crença. No entanto, quando o tecido deste debate é considerado em relação a discussões recentes sobre a epistemologia africana, começamos a notar discurso unilateral, porque os fundamentos oferecidos para a justificação das crenças são profundamente imerso em uma perspectiva externalista. Assim, este artigo deve ser visto como uma tentativa preliminar para preencher esta lacuna de conhecimento, explicando o quadro internalista de justificação na epistemologia africana.

Segundo Kagame, as categorias da filosofia africana são: Muntu - 'Ser Humano' (Plural: Bantu), Kintu - 'Thing' (Plural: Bintu), Hantu - 'lugar e tempo' e Kuntu- 'Modalidade'

Todo ser, todas as essências em qualquer forma que seja concebida, pode ser incluídas em uma dessas categorias. Não se pode pensar em qualquer coisa fora deles. De acordo com Kagame, tudo o que existe é necessariamente pertencem a uma das quatro

**XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC**

categorias e devem ser concebida como uma substância física, mas como força. O homem é uma força; todas as coisas são forças, incluindo lugar e tempo, modalidades. Eles são todos muito relacionados um ao outro relacionamento é vívido em seus próprios nomes porque o determinativo é removido, o radical Ntu permanece e é constante em todos eles.

Ntu é a categoria mais geral de ser dividido em quatro. Umuntu (Ser Humano), Ikintu (Ser Não Humano), Ahantu (Lugar e Tempo), e Ukuntu (semelhante ao aristotélico quantidade).

Muntu Isso é sobre seres humanos, mas é instrutivo afirmar isso não inclui apenas homem ou mulher, mas não tem relação com o homem. Inclui seres que eram propósito humano agora controlar e auxiliar as atividades do ser humano

Kintu Kintu como estéril e precisam da ação e atividade de outras forças para se animarem.

Hantu Espaço e tempo caem dentro desta categoria, hantu ajuda a situar fenômeno espacial e temporal e cada evento e movimento.

5 FILOSOFIA DO PLURALISMO RELIGIOSO

Para Ukwamedua (2011) a filosofia como empreendimento racional é e continua sendo a busca da verdade. E este esforço é basicamente centrado no homem e suas atividades. Este homem como um animal racional é um produto da cultura e isso ressalta a relação continuada entre cultura e filosofia. Essa correlação e a inevitabilidade da cultura na codificação e na existência da filosofia precipitaram o ímpeto e o movimento de alguns acadêmicos africanos de desviar para a cultura dos africanos para angariar e galvanizar a filosofia nela latente. Isso aconteceu na esteira da polêmica contra a existência da filosofia africana. Apesar de um olhar crítico nestes assuntos, tornou-se plausível que algumas das obras produzidas a partir desta tarefa permaneçam um paradoxo e uma farsa como foram infligidas e afetadas com categorias e esquemas estrangeiros que deixam ainda mais a busca por uma filosofia africana autêntica e seu esforço uma farsa. No entanto, essa situação ruim só pode ser resolvida por meio de atividades reflexivas apropriadas dos estudiosos africanos em relação à originalidade das idéias que correspondem e representam o mundo africano e que tornarão o mundo africano inteligível para os africanos (UKWAMEDUA, 2011, p. 248).

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

É comum que nosso mundo tenha se tornado plural em mais de um sentido (Kärkkäinen 2003, p. 18). O isolamento é algo do passado. Um número crescente de comunidades está ligado a uma rede de expansão e exposto a influências muito além do seu alcance tradicional. Comunidades homogêneas estão se tornando a exceção e comunidades plurais a regra. Nosso mundo está se transformando em uma enorme sociedade plural. Essa pluralidade aplica-se a todos os níveis de existência, tais como afiliação religiosa, raça e cultura, status social e econômico e até mesmo visão de mundo.

A pluralidade também implica conectividade. A globalização tornou os habitantes deste planeta conscientes de suas diferenças. Acesso aberto à sociedade e às comunidades mundiais em geral não só trouxe pessoas em contato, mas multiplicou divergências. Qualquer alegação ou declaração que pretenda ter implicações fundamentais e / ou universais deve estar preparada para ser testada neste fórum mundial. O mundo tornou-se uma aldeia global e a moderna tecnologia de comunicação liga as comunidades mais periféricas à rede mundial. Uma cidadania global está se desenvolvendo.

Kenneth Rose (2013) prevê que o pluralismo será a única explicação coerente e a solução para a diversidade religiosa. Com o pluralismo, Rose (2013, p. 9) refere-se à teoria de John Hick como fundamento teológico da relação entre religiões. O pluralismo serve como uma teoria que sugere uma solução para o exclusivismo e o inclusivismo. Os que perguntam sobre a relação que o cristianismo deve ter com outras religiões acabarão tendo que concordar com a visão pluralista, segundo Rose (2013, p. 2), que reconhece o pluralismo como inevitável. O atual contexto e paradigma de nosso tempo significam que uma religião não pode mais ser a única medida de todas as outras religiões.

O conceito de pluralismo religioso de Hick se concentra principalmente na idéia do transcendente nas religiões. Isto não é porque a crença na transcendência é a essência da religião, pois Hick não acredita que exista tal essência (HICK, 1989, p. 3). O motivo de seu foco no transcendente é que, nas discussões filosóficas modernas no Ocidente, é uma questão religiosa vital, se esta crença tem algum significado para a religião ou não (Hick 1989, 6). No entanto, Hick está convencido de que essa crença é muito significativa para qualquer religião hoje, de modo que, concentrando-se nela, isso o ajudaria a abordar “questões mais importantes e controversas no discurso religioso de hoje” (HICK, 1989, p. 6).

**XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC**

A discussão de Hick (1989) sobre o transcendente concentra-se na distinção tradicional em religiões pós-axiais, entre a natureza essencial de Deus e Deus em relação às criaturas.

As principais religiões consideradas na hipótese pluralista de Hick são as que ele denomina religiões "pós-axiais": Cristianismo, Judaísmo, Islamismo, Hinduísmo e o Budismo. As Religiões Chinesas e de Matrizes Africanas foram menos consideradas. No entanto, Hick sugere que em suas manifestações fenomenais, o Real é basicamente experimentado de duas maneiras, a saber, uma maneira pessoal ou impessoal (Hick, 1990, p. 118). Esta é a razão pela qual ele adota um termo neutro - o "Real". Ele também adota porque ele vê isso como tendo equivalência em várias tradições, como Al Haqq no Islã, Realidade auto-existente no Cristianismo, Sat / Satyam no Hinduísmo, Dharmakaya ou Śūnyatāttva no budismo (HICK, 1989, p. 10).

O conceito de pluralismo religioso de Hick pode ser explicado em cinco etapas: 1ª) todo conhecimento humano do real tem duas fontes: da própria Realidade Suprema, que está além da compreensão e da linguagem, e da cultura em que o homem encontra a si mesmo. 2ª) é uma dedução lógica do primeiro: implica o reconhecimento de que toda concepção do real é colorida na cultura. Toda revelação ou manifestação do real é experimentada, concebida, aceita e interpretada em um contexto cultural e de uma perspectiva cultural. 3ª) o fato de que a concepção do real por cada tradição religiosa é da cor da cultura explica a diversidade na religião. 4ª) não há religião que poderia afirmar ser exclusivamente verdadeira, uma vez que cada uma é formada na interface do Real inefável e a cultura da qual a surge particularmente. 5ª) as religiões não são ilusões, mas sim verdades, já que refletem o real de maneiras diferentes para cada cultura (HICK , 1989, p. 206).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pluralismo reconhece a validade e a igualdade de todas as religiões: nenhuma religião pode ser considerada inferior à outra, todas as religiões devem ser vistas como tendo conhecimento daquilo que é considerado transcendental, e toda religião apresenta um modo válido de existência. Uma religião não pode mais negar ou excluir a posição e o status do outro. É claro que o pluralismo pode levar ao relativismo. Se todas as religiões são consideradas iguais, a afiliação religiosa não importa. Isso traz o perigo do sincretismo

**XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC**

(HEDGES, 2010, p. 237) - permitindo que as religiões troquem elementos de tal forma que a identidade única de uma religião desapareça (ROSE, 2013, p. 73).

O conceito da Realidade Transcendente ou Suprema em Hicks é equacionado com o conceito do Ser Supremo: Deus/Brahma/Buda/Alá/Olodumare

O estudo de como os africanos de várias origens culturais identificam e reconhecem os diferentes fenômenos que ocorrem em suas realidades religiosas, em seus múltiplos entrelaçamentos e em sua historicidade, demonstrou a necessidade de representações precisas para os saberes pré-existentes nas diversas culturas observadas, apreciando sua multiplicidade, sua diferença, sua especificidade e a natureza de seus mitos e ritos.

Por outro lado, a observação do grau em que esses conhecimentos estão sub-representados nos SOC permitiu entrever o caráter de urgência, mas também a viabilidade, de construir SOC que assegurem a continuidade dessas tradições e, ao mesmo tempo, o conhecimento pelos profissionais da informação destas vivências riquíssimas e milenares que continuam sendo silenciadas quando não deturpadas nas contingências da colonização e da dominação.

Observamos, entretanto que para isso torna-se indispensável que os profissionais da informação trabalhem em conjunto com as comunidades e as culturas representadas, procurando desmistificar mitos raciais e étnicos e também conhecer mais de perto as experiências riquíssimas e milenares que essas comunidades preservam oralmente.

O grau em que esses conhecimentos estão sub-representados na CDD23, CDU e LCSH40 permitiu entrever o caráter de urgência, mas também a viabilidade, de construir SOC que assegurem a continuidade dessas tradições e, ao mesmo tempo, o conhecimento pelos profissionais da informação destas vivências riquíssimas e milenares que continuam sendo silenciadas quando não deturpadas nas contingências da colonização e da dominação.

Neste sentido, a partir de um sistema de conceitos poderíamos melhorar a representação do conhecimento em religiões de matrizes africanas em unidades de informação por meio da elaboração de um SOC que atenda de maneira mais efetiva a representação desse conhecimento de forma colaborativa e participativa, respeitando o pluralismo religioso que considere a natureza, a produção e o universo do conhecimento religioso e sua dinâmica.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

Os estudos de Broughton acerca da organização e representação do conhecimento em Religião nos orienta ao uso da análise de facetas, como segue:

Teoria e filosofia → Conceitos religiosos. Idéias teológicas → Crença religiosa

Evidências da religião → Livros sagrados → Escrituras

Agentes → Pessoas no assunto

Operações → Costumes e práticas sociais. Teologia social → Prática e observância ritual

Processos → Processos internos → Desenvolvimento/Declínio

→ Processos externos → Relações inter-religiosas

Partes → Estrutura das religiões → Hierarquia e governança religiosa → Lei religiosa

→ Organizações religiosas. Associações

→ Ordens

→ Seitas e movimentos

Tipos → Religiões por várias características → Ortodoxo

→ Liberal

Sistemas → Religiões e Fés Específicas

Devemos fazer inferências para além do continente de pensadores cristãos. A cosmologia africana indica uma criação divinamente destinada, essa divindade deveria também ser a norma absoluta para o imperativo moral. É por isso que muitos de nós estudiosos, acreditamos que no pensamento africano, a religião é o fundamento da moralidade e que a moral é o imperativo derivado da divindade, de modo que a fé dê sentido à moralidade.

REFERÊNCIAS

ARBOIT, A. E. **O processo de institucionalização sociocognitiva do domínio de Organização do Conhecimento a partir dos trabalhos científicos dos congressos da ISKO**. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014.

BARITÉ, M. La garantía cultural como justificación en sistemas de organización del conocimiento: aproximación crítica. **Palabra clave**, Montevideo, v. 1, n. 1, p. 02-11, 2011. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1853-99122011000200002&lng=es&nrm=iso. Acessado em: 11 nov. 2018.

BARITÉ, M. et al. Garantia literária: elementos para uma revisão crítica após um século. **TransInformação**, Campinas, v. 22, n. 2, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3843/384334884003.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2018

BEGHTOL, C. Ethical decision-making for knowledge representation and

**XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC**

organization systems for global use. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, New York, v. 56, n. 9, p. 903-912, 2005.

BEGHTOL, C. A proposed ethical warrant for global knowledge representation and organization systems. *Journal of Documentation*, London, v. 58, n. 5, p. 507-532, 2002.

BEGHTOL, C. Semantic validity: concepts of warrant in bibliographic classifications systems. **Library Resources & Technical Services**, Chicago, v. 30, n. 2, p. 109-125, apr./jun. 1986.

BEGHTOL, C. Universal concepts, cultural warrant, and cultural hospitality. *In*: M. J. Lopez-Huertas (ed.). **Challenges in knowledge representation and organization for the 21st century: integration of knowledge across boundaries**. Würzburg: Ergon-Verlag, 2002. p. 45-49.

BEYER, Jacob. A historical overview of the study of the theology of religions. **HTS Teologiese Studies, Theological Studies**, v. 73, n. 6, Nov. 2017.

DAHLBERG, I. Knowledge Organization: a new science? **Knowl. Org.**, v. 33, n. 1, 2006

D’COSTA, G. **Theology and religious pluralism**. Oxford: Basil Blackwell, 1986.

GARCIA GUTIERREZ, A. Cientificamente favelados: uma visão crítica do conhecimento a partir da epistemografia. **Transinformação**, Campinas (SP), v. 18, n. 2, p. 103-112, 2006.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. Knowledge organization from a “culture of the border”: towards a transcultural ethics of mediation. *In*: LÓPEZ-HUERTAS, M. J. (ed.). **Challenges in knowledge representation and organization for the 21st century: integration of knowledge across boundaries**. Würzburg: ERGON-Verlag, 2002. p.516-522.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. **Otra memoria es posible**: estrategias descolonizadoras del archivo mundial. Sevilla: Universidad de Sevilla, 2004.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

HICK, John. **An interpretation of religion**: human responses to the transcendent. New Haven: Yale University Press, 1989.

HJØRLAND, B. Rejoinder: a new horizon for information science. **Journal of the American Society for Information Science**: JASIS, v. 47, n. 4, p. 333-335, abr. 1996.

HJØRLAND, B. Documents, memory institutions and information science. **Journal of Documentation**, V. 56, N. 1, 2000. Disponível em: <http://dx.doi.org.ez78.periodicos.capes.gov.br/10.1108/EUM0000000007107>. Acesso em: 04 set. 2012.

HJØRLAND, B. Domain analysis in information science. Eleven approaches – traditional as well as innovative. **Journal of Documentation**, v.58, n.4, 422-462, 2002. Disponível em:

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

<http://dx.doi.org.ez78.periodicos.capes.gov.br/10.1108/00220410210431136>. Acesso em: 16 jun. 2012.

HJØRLAND, B. Fundamentals of Knowledge organization, **Knowledge Organization**, v. 30, p. 87 – 111, 2003. Disponível em:

<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=iih&AN=14914140&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 20 jul. 2012.

HJØRLAND, B. What is knowledge organization? **Knowledge Organization**, v. 35, n.2, p. 86 – 101, 2008. Disponível em:

<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=iih&AN=34050592&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 20 jul. 2012.

HJØRLAND, B. Domain analysis. In: **Core Concepts in Library and Information Science (LIS)**. 2005. Disponível em: <http://www.iva.dk/bh/Core%20Concepts%20in%20LIS/articles%20a-z/Domain%20analysis.htm>. Acesso em: 10 out. 2012.

HJØRLAND, B; ALBRECHTSEN, Hanne. Toward a New Horizon in Information Science: Domain-Analysis. **Journal of The American Society for Information Science: JASIS**, v.46, n.6, 400-425, 1995. Disponível em: [http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/\(SICI\)1097-4571\(199507\)46](http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/(SICI)1097-4571(199507)46). Acesso em: 14 jul. 2012.

HJØRLAND, B.; HARTEL, J. Introduction to a special issue of Knowledge Organization. **Knowledge Organization**, v.3/4, p. 125-127, 2003. Disponível em: <http://search.ebscohost.com.ez78.periodicos.capes.gov.br/login.aspx?direct=true&db=iih&AN=14887656&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 21 fev. 2013.

HODGE, Gail. **Systems of Knowledge Organization for Digital Libraries: Beyond Traditional Authority Files**. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED440657>. Acesso em: 19 out 2018.

HARALAMBOS, M.; HOLBORN, M. **Sociology: Themes and perspectives**. London: Harpercollin, 2008.

IBEZIM, Ijeoma G. The challenges of religion and ethnic identity in Nigeria. **Journal of Religion and Human Relations**, Awka (NGR), v. 1, 6, 2014.

IGBO, E. U. M.; ANUGWOM, E. E. **Social change and social problems: a Nigerian perspective**. Nsukka: AP Express, 2002.

IGWEMMAR, D. C. O. **Social studies for tertiary institutions**. Onitsha: Etukokwe, 1989.

MADU, J. E. **The paradox of the “One” and the “Many” in Religion**. Nkpor: Globe, 2003.

LESK, M. **Practical digital libraries: books, bytes, and bucks**. San Francisco: Morgan Kaufmann. 1997.

**XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC**

LÓPEZ-HUERTAS, Mariá J. (ed.). Challenges in Knowledge Representation and Organization for the 21st Century: Integration of Knowledge Across Boundaries: Proceedings of the Seventh International ISKO Conference, 10-13 July 2002, Granada, Spain. Ergon-Verlag, 2002.

MIRANDA, Marcos Luiz et al. A organização e a representação do conhecimento em religiões de matrizes africanas: um estudo comparativo dos diferentes sistemas de organização do conhecimento (CDD, CDU e LCSH). *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011, Brasília, DF. **Anais [...]**. Brasília: UnB, 2011.

MIRANDA, M. L. C. de. A organização do etnoconhecimento: a representação do conhecimento afrodescendente em religião na CDD. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro; v. 1, n. 4, 2009.

MIRANDA, M. L. C. de; PARANHOS, J. P. B.; OLIVEIRA, J. X. de; PAES, M. S. A organização e representação do conhecimento em religiões yorubanas na Library of Congress Subject Heading. *In*: GUIMARÃES, J. A. C; DODEBEI, V. (Org.). **Desafios e perspectivas científicas para a organização e representação do conhecimento na atualidade**. [recurso eletrônico]. Marília: ISKO-Brasil: FUNDEPE, 2012. 285p. p. 153-159. e-Book.

NMAH, P. E. **Religion and society in Africa**. Enugu: Rabboni, 2008.

OGUNGBURE, Adebayo A. Towards an internalist conception of justification in African epistemology. **Thought and Practice: A Journal of the Philosophical Association of Kenya (PAK)**, New Series, v. 6, n. 2, p.39-54, Dec. 2014.

OMOTOYE, R. W. The study of african traditional religion and its challenges in contemporary times, **Ilorin Journal of Religious Studies (IJURELS)**, v .1, n. 2, p.21-40, 2011.

RANGANATHAN, S. R. **Prolegomena to library classification**. Bombay: Asia Publ. House, 1967.

ROSE, Kenneth. **Pluralism: the future of religion**. New York: Bloomsbury Academic, 2013.

TAYE, Oyelakin Richard. Questionable but unquestioned beliefs: a call for a critical examination of Yoruba Culture. **Thought and Practice: A Journal of the Philosophical Association of Kenya (PAK) New Series**, v. 5, n. 2, p. 81-101, dec. 2013.

UKWAMEDUA, Nelson Udoka. A critical review of Alexis Kagame's four categories of African philosophy. **Ogirisi: a new journal of African studies**, v. 8, 2011.